

# **COMO ELES VIVEM COM AS CRIANÇAS NAQUELE ESPAÇO? OS (AS) JOVENS PAIS E MÃES DAS CEUS**

**Keila de Oliveira Urrutia<sup>1</sup>**

**(Autora)**

**Sueli Salva<sup>2</sup>**

**(Orientadora)**

## **RESUMO**

Este trabalho emerge da pesquisa realizada com os (as) jovens, mães e pais bem como seus filhos e filhas que vivem na Casa do Estudante Universitário (CEU) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A metodologia inspira-se na etnografia (ANDRÉ, 2000) tendo como principal característica um contato direto com o grupo investigado e a utilização de diferentes elementos como diário de campo, fotos, vídeos e a observação participante. Nosso intuito é problematizar alguns percursos e experiências dos (as) jovens e das crianças no interior das CEUs. Estes aspectos evidenciam uma sinuosidade e uma não linearidade nos percursos dos/as jovens, a partir da experiência da gravidez. Também tentaremos compreender os modos como são engendradas as práticas de cuidado das crianças e as maneiras como os *outros*, amigos, funcionários e familiares se mobilizam na *atenção* e cuidado das crianças, estratégias que se constituem como elementos indissociáveis da vida desses sujeitos dessa investigação.

**Palavras – Chave:** Juventude; Crianças; Vida Cotidiana

## **Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista PROBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

<sup>2</sup> Professora Doutora do Centro de educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Este artigo se propõe a problematizar aspectos referentes às vivências, percursos e experiências das jovens, dos jovens e das crianças no interior das CEUs. Estes aspectos evidenciam uma sinuosidade e uma não linearidade nos percursos e vivências dos/das jovens e por isso explicitam outra concepção de tempo ancorada nas teorizações de Melucci (2001). Além disso, nos propomos a compreender as maneiras como a cultura universitária e as culturas infantis se entrelaçam produzindo, no espaço universitário, novas culturas, influenciadas pela presença das crianças no interior das CEUs. Também tentaremos compreender os modos como são engendradas as práticas de cuidado das crianças e as maneiras como os *outros*, amigos, funcionários e familiares se mobilizam na *atenção* e cuidado das crianças, estratégias que se constituem como elementos indissociáveis da vida das/dos jovens e das crianças sujeitos dessa investigação. Iniciaremos fazendo uma reflexão acerca da gravidez na juventude, uma vez que a pesquisa tem acompanhado a vida das jovens mães, observando as sinuosidades no percurso de suas vidas e as formas como conseguem dar seqüência aos seus projetos de formação, inicialmente pensados a partir de uma meta linear e que se modificam no decorrer do percurso, obrigando-as a percorrer o tempo de forma mais lenta, e também levar em consideração o tempo interno (MELUCCI, 2001). Para o autor o tempo interno, que diz respeito, ao corpo, a subjetividade, aos afetos, se distingue do tempo social, aquele medido pela máquina, que tem origem na modernidade, é homogêneo e estabelece o momento exato para a chegada.

O estudo segue fundamentos epistemológicos da etnografia (ANDRÉ, 2000) essa metodologia prevê a utilização de uma variedade de instrumentos de produção de dados, bem como possibilita que a construção do objeto seja processual, realizado à medida que conhece com mais profundidade o fenômeno estudado. Para isso, a pesquisa utilizou diferentes instrumentos para a produção dos dados tais como: diário de campo, fotografias, vídeos, depoimentos e entrevistas e a observação participante

A observação participante é uma estratégia que permite ao pesquisador se envolver nas atividades rotineiras do grupo estudado, mas não pode ser considerada um método de pesquisa. Segundo Angrosino (2009, p. 77) a observação participante “é uma combinação do pesquisador (participante de algum modo) com a técnica real de coleta de dados (observação)”. Nesse sentido podem-se utilizar outros elementos para produção de dados.

Atualmente a pesquisa conta com quatro jovens mães e dois jovens pais, cada uma ou cada casal possui um/uma filho/a, totalizando quatro crianças.

### **A Gravidez: do teste a chegada do bebê**

Quando realizamos uma pesquisa sobre gravidez juvenil não há como deixarmos de lado a representação social do senso comum do que é este acontecimento na vida das/dos jovens. Geralmente, um discurso muito presente é que gravidez é sempre fruto de irresponsabilidade ou de um *acidente*. Esse discurso por vezes, desconsidera os rituais, os significados que uma gravidez pode conter, quais são os diferentes sentidos construídos pelas/os jovens para essa gravidez e como eles e elas vêm ou lidam com a chegada seu/sua filho/a, principalmente no interior de uma moradia estudantil permeada por outros/as jovens.

A gravidez, muitas vezes, significa adiar projetos, há uma sinuosidade no percurso. E em razão das jovens ainda serem estudantes, residirem em um lugar que não é pensado para bebês e crianças, a gravidez se configura como uma situação que foge da norma, como “desvio”. A noção de “desvio”, pensada teoricamente traduz a idéias de que os caminhos sociais devem ser percorridos dentro de um limite pré-estabelecido, que há um final esperado, que estão limitados em ambos os lados, como se fossem o leito de um rio ou as margens de uma estrada. (PAIS, 2000)

Atrelado a isso, as entrevistas realizadas com os/a jovens explicitam essas noção de desvio e também de tempo que advém com a gravidez, quando alguns/algumas dizem que a gravidez adiou planos ou pelo menos fez repensar alguns projetos. Alguns/algumas jovens dizem: “*eu sempre pensei em me formar primeiro, ter as minhas coisas e depois ter filhos.*” Esse discurso está ancorado numa noção de tempo que tem uma “orientação finalista” onde tudo é realizado para se chegar a determinado ponto, regido por uma linearidade, um progresso, sendo as passagens intermediárias desconsideradas. Este arquétipo de tempo está ancorado no modelo capitalista e desconsidera o tempo da experiência, noções essas que acabam por interferir nas concepções dos jovens. (MELUCCI, 2007)

Por outro lado devemos considerar aqueles/as jovens que dizem não ter planejado a gravidez, mas que sempre quiseram ter filhos, que desejaram ter o/a filho/a e declaram que sempre pensaram que o momento em que estavam morando na casa do estudante talvez fosse o melhor momento para ter filhos. Há também aqueles/as que

planejaram a gravidez como uma maneira de conseguir o consentimento dos pais para o casamento. Esses aspectos evidenciam o que PAIS (2000) denomina gravidez (in) desejável, ou seja, nem sempre a gravidez juvenil não é planejada ou desejada, esse desejo, as vezes perpassa os planos dos/das jovens, desmistificando assim alguns discursos presentes no senso comum que consideram a gravidez na juventude um problema.

Embora as jovens universitárias tenham mais de 18 anos, e já não podem ser consideradas adolescentes, a situação de dependência econômica pode, levar a pensar que a gravidez, neste caso é precoce. Salva (2008) em sua tese de doutorado busca elucidar o que se considera como gravidez precoce e com base em que isso foi construído. A autora, ancorada nos estudos de Oliveira (2007), argumenta que o pensamento que leva a pensar na gravidez precoce como um problema data do século XX, e foi construído a partir da confluência de três discursos:

Nos anos 1960 predominava o discurso médico, alertando para os riscos da gravidez considerada precoce para a saúde materno-infantil; nos anos 70, fez-se ouvir o discurso psicológico, que enfatiza a imaturidade psicológica da gestante adolescente para cuidar de seu bebê; na década seguinte, as ciências sociais alertavam para os riscos sociais da gravidez na adolescência. (OLIVEIRA, 2007, p. 28)

Segundo esse discurso, o surgimento e aumento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres implica em agravamento da pobreza. A gravidez na adolescência pode determinar o abandono dos estudos, a inserção prematura no mercado de trabalho precário, aspectos que agravam a situação de marginalidade social. Esse discurso culpabiliza a jovem por uma situação da qual ela não é responsável e retira do Estado, que deveria ser promotor de justiça social e distribuição de renda de forma mais justa, a responsabilidade por uma vida com mais dignidade. (SALVA, 2008)

Em nosso estudo, felizmente, não tratamos com jovens que vivem situações de extrema pobreza. As jovens residentes nas CEUs comprovam carência econômica com base na renda familiar, o que lhes dá direito de uma vaga para residir na casa do estudante<sup>3</sup>. Nos discursos do senso comum geralmente se evidencia dois discursos: um

---

<sup>3</sup> A comprovação acontece com base em documentos legítimos (comprovante de residência, de posse ou não de automóvel, recibos salariais, entre outros) próprios e de pessoas com as quais moram. Esses documentos viabilizaram ou não o consentimento do Benefício Sócio-econômico conforme teto de um salário mínimo por pessoa.

diz respeito a situação econômica o outro a moral. É recorrente como pesquisadoras sermos indagadas: *mas como eles conseguem viver com essas crianças naquele espaço?* A concepção de que os jovens e as crianças vivem em situação de precariedade e de miséria é muito presente nos discursos das pessoas com as quais compartilhamos os dados da pesquisa. Entretanto consideramos que jovens e crianças “inventam seus cotidianos” (CERTEAU, 1994), jovens e crianças criam ‘modos de fazer’ (CERTEAU, 1994) já que as formas de organização cotidiana são plurais e dinâmicas, engendradas entre os pais, com as jovens e as crianças ou em alguns casos com a acentuada participação dos amigos jovens estudantes. Segundo Certeau (1994, p.201-202) “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” e o “espaço é um lugar praticado”. Com isso, quer nos dizer que um lugar pode ser transformado num espaço pelas ações do ser humano.

Assim, a Casa do Estudante como um lugar instituído para moradia estudantil é transformado num espaço onde também habitam crianças. as crianças.

A moral também por vezes é colocada em questão, uma vez que muitas dessas jovens saem das famílias de origem, mudam-se para a cidade de Santa Maria, conseguem uma vaga na casa do estudante e ficam grávidas, o que pode ser considerado um desvio, uma vez que o projeto era de dedicar-se aos estudos até formar-se e conseguir um trabalho.

Observamos que a gravidez de algumas das jovens moradoras das CEUs está atrelada a rituais e movimentos muito específicos de um contexto intensamente marcado pelas culturas juvenis. Em uma das entrevistas realizadas com uma jovem, ela relata que não teve coragem de olhar o resultado do teste de gravidez, diante disso solicitou a uma amiga para que visse o resultado, enquanto a amiga verificava, ela e o namorado estavam abraçados ansiosos pelo resultado. O resultado foi positivo, a jovem relata que ao ouvir da amiga *deu positivo* ela e o namorado se abraçaram longamente. Atualmente a jovem que *divulgou* o resultado é madrinha da criança.

Essas *parcerias e cumplicidades* estabelecidas entre os/a jovens são essenciais, já que em alguns casos servem para atenuar algumas possíveis incertezas, confusões e instabilidades que surgem com um fato novo, diferente como a gravidez. As maneiras como os/as jovens relatam que tiveram muito apoio dos/das amigos/as, isso evidencia

essa importância e os significados especiais que tem essas amizades na vida dos/das jovens.

As relações de amizade, consideradas ligações horizontais (KELL, 2004) podem ser tão importantes na juventude quanto às relações verticais são para as crianças. Em estudo realizado por Salva (2008, p.375) a amizade se configura como “laços que extrapolam a família” e ampliam as fronteiras das relações abrindo a perspectivas para vivências de novas experiências, além de ser um importante elemento que assegura o processo de identificação fora do âmbito familiar.

### ***A gente sempre dá um jeito: as práticas de cuidado com as crianças***

Quando recorremos à história, como registro das grandes transformações pelas quais passou a humanidade, podemos entender que a concepção de infância nem sempre foi a mesma. Segundo Ariès (2006) a sociedade tradicional entendia a infância como uma fase em que a criança ainda não conseguia sobreviver sozinha, a partir do momento em que a criança desenvolvia algum atributo físico ela era integrada aos adultos e partilhava de todas as atividades realizadas pelos mesmos. A partir disso, Ariès (2006) também nos diz que as famílias dessa época não tinham como preceito o afeto, mas sim a proteção de um para com o outro ou o exercício de uma atividade, de um trabalho que fosse comum a todos, tudo isso visando proteção e sobrevivência.

Porém, segundo Ariès (2006) a partir do final do século XVII, começou um novo pensamento em relação à infância. Nesse período iniciou-se o processo de escolarização das crianças, atrelado a isso as reformas protestantes que difundiram um sentimento de “moralização dos homens” a partir disso, as famílias começaram a se voltar para as crianças, principalmente para a importância da educação das mesmas. “A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu do seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor” (ARIÈS, 2006, p. 11).

Após essa pequena referência histórica sobre a construção da infância, podemos dizer que a idéia hoje concebida sobre essa é fruto de uma construção cultural. A concepção de proteção, afeto e cuidado para com as crianças permite aos/as jovens pais e mães das CEUs não sejam os únicos responsáveis pelo cuidado e afeto com as crianças. Um discurso muito recorrente entre os pais e mães é que *sempre dão um jeito*

para cuidar das crianças, esses *jeitos* em muitos casos são possíveis com o apoio dos/das amigos/as, familiares e funcionários da universidade.

Por um lado, as crianças recebem afeto constante dos/das amigos/as dos pais/mães, circulam nos braços dos jovens em rodas de conversa, são presenteados e apadrinhados. É muito comum as crianças terem padrinhos/madrinhas, algumas possuem de um (uma) a dois (duas), mas outras têm quatro ou cinco padrinhos/madrinhas. Nem todos/as são atuantes nos cuidados das crianças, entretanto, há aqueles/as que participam da vida das mesmas de maneira bastante acentuada. Algumas crianças contam com a ajuda de padrinhos/madrinhas que não moram nas CEUs, mas que de alguma forma podem auxiliar com seu apoio afetivo e por vezes financeiro. Outras jovens contam com amigos e colegas de apartamento que de alguma maneira auxiliam no cuidado com as crianças, seja por que dão uma *expiada* na criança quando a jovem precisa sair, levam no banheiro ou alcançam algum alimento.

Contudo, não há como afirmar que todos (as) os (as) jovens contam com amigos de forma contínua no auxílio ao cuidado e atenção as crianças. Em alguns casos isso ocorre, mas em outros as jovens são sozinhas nessa responsabilidade, seja por que os pais das crianças estão trabalhando ou estudando em outras cidades, não possuem vínculo com as crianças ou por que não possuem amigos que auxiliam. Além disso, mesmo morando com o pai das crianças as observações *in loco* demonstram que em alguns casos a jovem é quem abdica de um tempo maior de sua rotina ou de seus projetos para se dedicar ao (a) filho (a).

Esse dado nos leva a pensar nas relações de gênero que transpassam a vida dos (as) jovens e que também os constituem. É sabido que essa condição da mulher como principal responsável pelo cuidado das crianças é uma construção histórica social, ou seja, nada têm de natural. Badinter (1985) ao fazer um resgate histórico sobre a construção do amor materno evidencia que essa responsabilidade foi sendo construída ao longo de séculos (iniciando por volta do século XVII) ancorada em discursos religiosos e também de muitos escritores, como por exemplo, Rosseau através de seu livro Emílio. Segundo a autora até por volta do século XVI, XVII as crianças de classe abastadas logo que nasciam ficavam sob a responsabilidade de amas de leite (na maioria dos casos longe dos pais, ou seja, em outros distritos territoriais) até os primeiros anos de vida, já as crianças de classes menos favorecidas financeiramente não recebiam

cuidado e atenção especial por parte das mães e viviam em condições precárias de higiene.

Ao longo do tempo, a responsabilidade feminina pelo cuidado das crianças se naturalizou, assim como também se naturalizou que toda a mãe tem um amor incondicional por seu filho e que por ser mulher naturalmente está mais apta que o homem para cuidar dos (as) filhos (as). As conquistas do movimento feminista contribuíram para atenuar essas concepções e apontar outras possíveis direções para a condição feminina. Entretanto, como demonstram alguns dados da pesquisa ainda persiste uma carga maior de responsabilidade sobre a mulher que precisa ser questionada e problematizada.

Para além do interior das CEUs, os (as) jovens contam também com funcionários dos prédios onde atuam como bolsistas ou alunas, seja por que estes consentem a permanência das crianças juntamente com as mães (já que é muito comum elas acompanharem as jovens nestes espaços) ou por que auxiliam de forma direta no cuidado, como é o caso de uma jovem que, às vezes, deixa o filho aos cuidados de uma recepcionista enquanto realiza seus ensaios de teatro.

Além disso, nas observações *in loco* no restaurante universitário pudemos perceber os funcionários oferecendo *mais de um* docinho para as crianças, levando-as, às vezes, ao banheiro ou se surpreendendo com o tamanho das crianças: “*como ele (ela) está grande!*”. As crianças por sua vez, de alguma maneira já os consideram como pessoas *familiares*.

Igualmente, não há como falar sobre essas relações de cuidado sem nos reportarmos às famílias desses jovens que vivem em outros municípios. A família, apesar da distância territorial, é também responsável pelo cuidado das crianças, pois em muitos casos os/as jovens deixam as crianças sob os cuidados dos avôs/avós quando precisam viajar para cumprir algum compromisso acadêmico ou quando o número de afazeres é muito grande e dificulta dispensar cuidados e atenção as crianças. Além disso, a maioria dos/das jovens conta com o apoio financeiro dos pais/mães, senão de forma mensal e contínua, mas como pessoas as quais recorrem quando precisam de dinheiro ou para suprir alguma necessidade material das crianças.

### **Os entrelaçamentos de culturas: Infância e Juventude *caminhando* juntas**

Nas últimas décadas, infância e juventude vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas e nas políticas públicas. Concepções como culturas juvenis, culturas infantis, pluralidade de infâncias e juventudes permeiam esses campos e abrem espaço para novas visões sobre as crianças e os jovens. Em nossa pesquisa, não podemos pensar infância e juventude de forma dicotômica, pois crianças e jovens convivem juntos em espaços comuns e às vezes em atividades comuns.

As crianças, ao levarem para o interior das CEUs brinquedos, mamadeiras, jogos infantis, brincadeiras das mais diversas, ao assistirem filmes, se *inspirarem* e comentarem sobre desenhos e personagens infantis, ou seja, construírem novos mundos e maneiras de ver o mundo elas estão também instituindo culturas próprias, que poderíamos chamar de culturas infantis. Com isso, podemos dizer que “as crianças não são seres pré-sociais, objecto de processos de indução social pelos adultos, mas são seres sociais plenos, tal como quaisquer outros, em pleno processo de acção social, influenciando-a e sendo por ela influenciada”. (TREVISAN, 2007, p. 43).

Essas culturas infantis influenciam os (as) jovens não somente os pais, mas também os (as) outros jovens que convivem com as crianças. É muito recorrente ver os (as) jovens brincando com as crianças e aprendendo com elas elementos sobre personagens filmes e jogos infantis. Para, além disso, os (as) jovens que participam do cuidado com as crianças também se familiarizam com aspectos próprios do cuidado e educação de uma criança desde pegar no colo até a impor limites, ou seja, há uma incidência de responsabilidade sobre eles (elas) uma vez que servem também como referências para as crianças.

Além disso, os diálogos com os (as) jovens e as crianças, bem como as observações *in loco* evidenciam que a cultura universitária, intensamente juvenil, incide significativa influência sobre a vida das crianças, quando sinalizam as múltiplas profissões que gostariam de exercer, quando revelam uma prática de leitura e escrita em níveis avançados para as suas idades ou quando dizem que quando crescerem querem fazer um curso superior numa universidade federal. Relacionado a isso, há o caso de uma criança na qual a mãe é aluna de artes cênicas e o menino, às vezes, a acompanha nos ensaios de peças teatrais, a criança de alguma forma já demonstra alguma familiaridade com alguns movimentos, exercícios e danças que durante as peças são realizadas.

Nesse sentido, no interior das CEUs as culturas infantis e juvenis *'conversam entre si'* e tem influência mútua, não há como pensar as crianças separadas dos jovens, nem vice-versa. Essa é uma configuração diferente de ser e estar no mundo na qual a pesquisa aponta e que necessita de um tempo maior de investigação para que possamos problematizar de forma mais acentuada.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho buscamos dissertar sobre algumas singularidades das vidas dos/das jovens e das crianças no interior das CEUs. É mister destacar que as assertivas não conseguem abarcar toda a complexidade da vida desses/as jovens e crianças, visto seus diferentes percursos, visões de mundo e maneiras diferenciadas como constroem seus cotidianos. Sendo assim, nossa reflexão esteve assentada em alguns dos aspectos referentes aos cotidianos e percursos dos sujeitos da pesquisa.

Podemos perceber que há uma sinuosidade nos percurso de alguns dos/das jovens devido a gravidez e a chegada das crianças, sendo essa sinuosidade, esse adiamento de projetos muitas vezes mais presente na vida de algumas das jovens mães. Arelado a isso, a gravidez está marcada por rituais muito específicos bem como as maneiras como foi planejada ou não também demonstram singularidades que por vezes desmistificam algumas concepções em relação a esse acontecimento na fase juvenil.

Além disso, as maneiras como são construídas as relações de cuidado para com as crianças também estão eivadas de diferenças e singularidades, que correspondem às maneiras como cada jovem organiza seu cotidiano e conta ou não com outras pessoas para auxiliar no cuidado com as crianças. O entrelaçamento de culturas, ou seja, as formas como infância e juventude caminham e convivem também oferece subsídios para pensarmos como essas relações constituem os modos de ser dos/das jovens e das crianças.

Dessa forma, não podemos falar dos/das jovens e das crianças sujeitos dessa pesquisa sem pensarmos nas singularidades e por conseqüência nas pluralidades de relações, de vivências, de percursos e maneiras como constroem seus cotidianos. São formas diferentes de experienciar esse tempo da vida chamado juventude que por vezes fogem de arquétipos tradicionais, já banalizados. Da mesma maneira as crianças vivem uma infância rodeada por jovens, por culturas juvenis e também por uma cultura

universitária. São outras juventudes, outras infâncias, nem melhores nem piores, simplesmente outras formas de viver a infância e juventude.

## **Referências**

ANDRE, Marli; LUDKE, Menga. **Pesquisa Em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 2000

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KEHL, Maria Rita. **O Jovem Como Sintoma da Cultura**. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org). In: Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, Tempo e Movimentos Sociais**. In: Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

PAIS, José Machado. **Traços e Riscos de Vida**. Porto: Âmbar, 2000

SALVA, Sueli. **Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens da periferia urbana de Porto Alegre**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TREVISAN, Gabriela de Pina. **Amor e afectos entre crianças: A construção social de sentimentos na interação de pares**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto [et.al.]; DORNELLES, Leni Vieira (Organizadora). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Cap. 2, p.41.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista. **Sexualidade, Maternidade e Gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de extratos populares**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.